

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

Editor e Proprietário
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11—TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—Tavira e Freguesias Rurais . . . 6500
Para outras localidades . . . 7500

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

NÃO SE RESTITUEM ORIGINAIS QUER SEJAM OU NÃO PUBLICADOS

AVENÇA

COLABOREMOS!...

AS RECENTES medidas tomadas pelo sr. Ministro da Economia em relação à venda de fruta, alimento precioso e até indispensável para a saúde, provocaram com justificada razão um cântico de louvor em toda a parte, com excepção, é evidente, dos negreiros atingidos.

Ao que me referem, o sr. Eng.º Daniel Barbosa tem pessoalmente fiscalizado o cumprimento das suas determinações e procurado indagar das causas que emperram algumas engrenagens da máquina.

Há qualquer coisa que ainda não está certo e que não tem explicação razoável.

Nas «Farpas» escreveu Ramalho: «o que nos convém é a aspereza sincera da verdade. O que nos prejudica é a baixa adulação enfática da mentira».

A experiência continua a ser a grande mestra. Ela nos acaba de mostrar que se fazia sordida especulação com a venda de fruta, não para proveito do produtor, mas para engorda da fauna cada vez mais rica dos intermediários.

Eu próprio posso depôr com conhecimento de causa.

Tinha meu pai uma quintarola ali para as bandas de Caneças. O pomar desfazia-se em lindos e saborosos frutos: no jardim havia das mais belas flores que tenho visto.

Pois bem: era o cabo dos trabalhos para conseguir comprador para os produtos. Choravam, depreciavam, alegavam mil razões, acabando sempre por levar as coisas de rastos de barato. O caseiro arreperava-se, minha irmã empregava toda a sua argumentação, mas ninguém conseguiu vencer a resistência dos bem organizados intermediários.

Um belo dia precisei de flores de repente e resolvi ir comprá-las ao estabelecimento que fornecíamos.

Pediram-me cinco vezes mais do que havíamos recebido: 500 % de lucro!

A percentagem aguentou-se com o andar dos tempos, como nesta fase da campanha do embaratecimento da vida se verificou.

Adoptaram-se as providências que a boa razão aconselhava. Estão a funcionar numerosos postos de venda a preços acessíveis ao grande público.

Ficou o problema resolvido? Parece-me que não.

Em primeiro lugar o manhoso encolheu aparentemente as garras, mas está à espreita. Conta ter a seu favor o factor tempo, esperando à ideia de que mais dia menos dia as entidades oficiais, absorvidas com mil problemas, terão de abandonar a carga de trabalho que representa a manutenção dos postos de venda.

Neste particular, podemos crer e confiar na vontade firme do Governo.

Passemos adiante.

Há, porém, um enigma que conviria decifrar. O que é feito da boa fruta?

Onde se sumiriam as peras magníficas, os pêssegos enormes, rosados, apetitosos, as ameixas tentadoras, numa palavra, aqueles frutos maravilhosos que se exibiam em certas montras de Lisboa e se vendiam quase como joias?

Que sumiço levaram?

Donde provinham? Deixaram-se apodrecer? Secaram de repente? O comprador já as não procura?

Ora se bem entendi, o Governo não pretende proibir o ricao de comprar o que lhe apeteça, desde que nem prejudique o seu semelhante, nem contribua activa ou passivamente para o delicto de especulação.

Tão-pouco se proibiu o negociante de adquirir bons frutos, que depois venda a preços que representem lucro legítimo.

Entrou-se assim, em mercado negro, fatalmente.

A fruta dos postos, sem escolha prévia verde e madura, grande e pequena, numa mistura pouco recomendável satisfaz ou remedeia o povo, mas não agrada aos exigentes e diga-se francamente com razão.

E se a excelente política do Governo deu pretexto a mercado negro, atalhe-se quanto antes a marcha do cancro. Como? Muito simplesmente. Classifiquem-se de luxo certas frutarias e permita-se-lhes que exponham à venda frutos seleccionados, sem restrição de preços imposta aos outros, mas sem a liberdade-extorsão.

Talvez esta sugestão, filha do propósito honesto de sãdia colaboração, atenda as justas reclamações de quem prefere melhor. Desde que o Mundo é Mundo há artigo bom, mediano e modesto, para todos os gostos, todos os paladares e todas as bolsas.

Rolandino Palmeira

A esperança do ciclismo
Confia-nos as suas impressões



Rolandino Palmeira, o jovem amador que mais se destacou na 2.ª Volta ao Algarve, brilhante vencedor da etape Loulé-Portimão, considerado um dos melhores na sua categoria.

Terminada a volta, quisemos ouvir o valoroso ciclista, o que não nos foi difícil, e começámos a perguntar-lhe:

—Sente-se satisfeito por envergar a camisola do Ginásio Club de Tavira?

Palmeira, sorridente, respondeu-nos:

—Muitíssimo, porque estou ao lado do meu valoroso irmão,

(CONCLUÍ NA 3.ª PÁGINA)

CARTA DE BERNE

A Humanidade sofreria bastante, se uma vez se desencadeasse uma Guerra Atómica

—foi uma das frases do Capitão Ballande, observador nas experiências da bomba atómica em Bikini, numa entrevista que nos concedeu.

OS EFEITOS DA BOMBA ATÓMICA E O HEROISMO DOS TIMORENSES.

Berne.—Cerca das 19,30, o local de Berne mais movimentado era a Efingerstrasse. Qualquer coisa se estava para passar no Hotel Schweizerhof. Dos carros que estacionavam à porta saíam patentes elevadas da Marinha, do Exército e da Aviação. Os jornalistas prestavam toda a atenção às pessoas que iam entrando; e, de vez em quando, perguntavam se M. Ballande ainda se demorava.

Às 20 horas em ponto, um carro grande estacionou junto do passeio fronteiriço do hotel. Os fotógrafos avançaram e atropelavam-se. A luz dos magnésios e das lampadas impressionam a vista.

M. Ballande acabou de chegar. Avancei tão lentamente, quanto me foi possível, e consegui atravessar os umbrais da porta do hotel e penetrar na sala onde M. Ballande iria pronunciar a sua palpitante conferência.

Através de mil perguntas, lá consegui chegar até junto de M. Ballande e pedir-lhe umas palavras

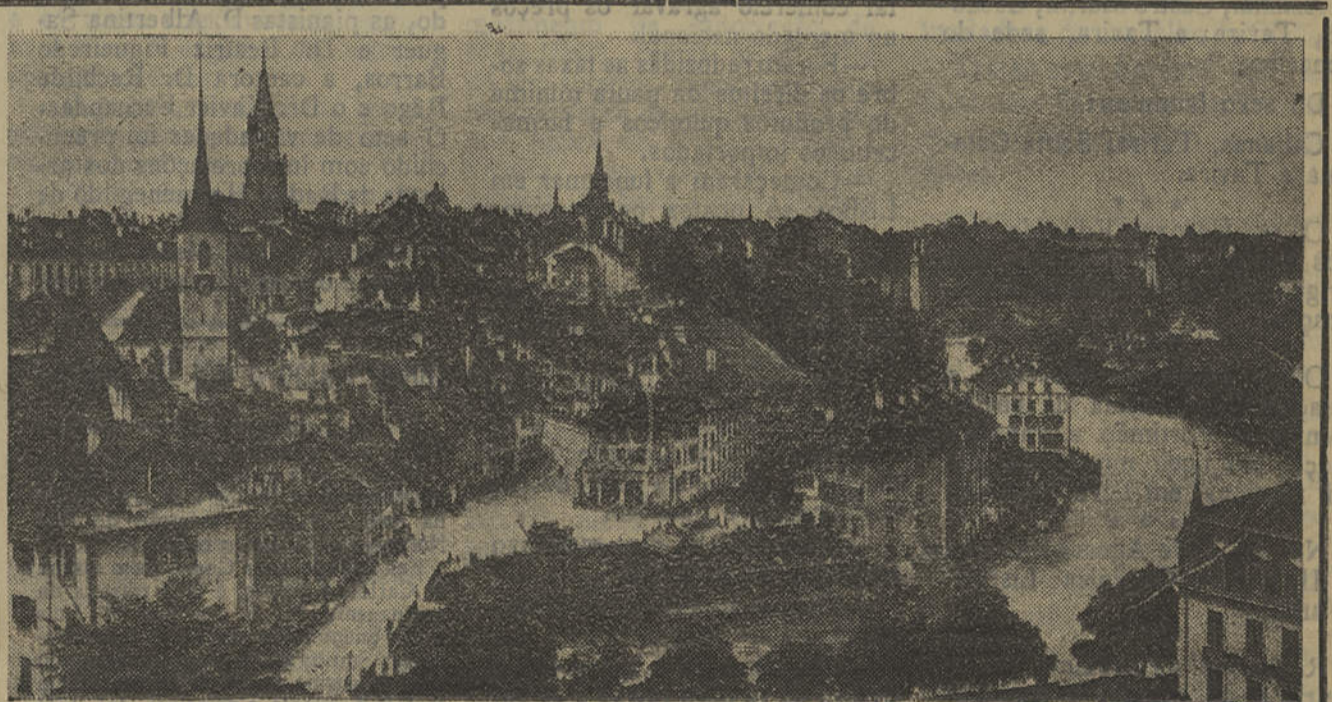
até hoje existe, mas creio sinceramente que não poderá ser aplicada como instrumento de ataque ou defesa. A bomba atómica é mais poderosa do que se imaginava antes de explodir sobre Hiroshima, e Nagasaki. Tivemos a certeza desta afirmação, quando rebentou em Bikini. A Humanidade sofreria bastante, se uma vez se desencadeasse uma guerra atómica. A geração que se seguisse, após o desastre sofreria os efeitos terríveis e pouco tempo poderia durar; e, se durasse, a sua constituição ficaria tão abalada que nunca poderia ser uma pessoa normal.

—Que pensam os atomistas da utilidade dos átomos?

—Na América, pensa-se muita coisa, parte das quais se estão a realizar em benefício do progresso.

Os atomologistas são os primeiros homens a não concordarem com a utilização de tal engenho.

Ao terminar a entrevista, tão rápida quanto possível, o Capitão Ballande afirma-me:



BERNE — Um aspecto da cidade, vendo-se à esquerda a célebre Catedral

«Guia dos Correios, Telegrafos e Telefones»

(Publicação anual do Comércio Indústria e Profissões Liberais de Portugal)

Acabamos de receber esta publicação anual deveras interessante e de grande utilidade para todo o comércio e indústria.

Todo o comércio e indústria do continente e ilhas se encontra coordenado por suas actividades bem como todos que exercem profissões liberais.

A consulta para qualquer caso é facilíssima indicando a morada, telefone e o endereço telegráfico dos que possuem.

Aconselhamos a sua aquisição por verificarmos que se trata de uma publicação séria e útil.

rápidas sobre o tema da sua conferência, para o nosso jornal.

Resposta rápida e amável a do meu entrevistado:

—Ao seu dispor. Trata-se para mais de uma entrevista para um País que admiro, através dos heróis de Timor e Macau.

Antes de iniciar a curta entrevista, apresento o Capitão Ballande, observador da Armada Francesa nas experiências da bomba atómica em Bikini.

A sua conferência é subordinada ao tema «Bikini», e de Bikini ele nos vai dizer alguma coisa para os nossos leitores.

—Acha que a bomba atómica será, no futuro, a grande arma das Nações Unidas?

M. Ballande folheia rapidamente os seus elementos e diz-me:

—É a arma mais perigosa que

—É necessário que todos os Países se entendam para desaparecer esse pesadão que tanto impressionou o Mundo inteiro.

Apenas me despedi do distinto Capitão Ballande, logo ele iniciou a sua importante conferência no grande salão do Schweizerhof. Falou perante uma assistência selecta de militares, inventores e jornalistas, das suas impressões, quando foi lançada a bomba atómica sobre Bikini, e dos efeitos terríveis que sofreu essa ilha, que durante alguns anos não poderá ser habitada. Apontou ainda outros factos de grande importância, que levaram os japoneses à rendição incondicional.

A certa altura do seu relatório, fez uma breve referência às atrocidades dos japoneses em Timor e ao heroísmo dos portugueses que

TIPOS E CASOS — (XIII)

Tavira d'ontem

O RICARDINHO

ERA CERTO todas as noites na Praça, cirandando, ora n'um grupo ora n'outro, esmolando para o Papa, confrarias e irmandades, olhos langorosos, voz aflautada, seu gingar de quadris, pedinchando e oferecendo seus serviços.

Muitos e variados eram eles.

Andador officioso de todas as corporações religiosas e gato pingado, acumulava com o mister de recadeiro de confiança de namoricos, de levar e trazer objectos das casas de penhores d'esses tempos. Mas a sua especialidade, em que era um alho, em que se punha à prova a sua sagacidade, era deslindar intrigas e mexeriquices.

Confidente de todas as meninas casadoiras, beatão com entrada livre em todas os oratorios e capelas particulares em que n'esses tempos era de uso rezar e cantar novenas a todos os santos e santas, era personagem indispensável nas ornamentações d'altares com flores artificiais feitas por ele, não havendo casa de que não conhecesse os cantos, nem balda de pessoa que ignorasse, namoro que não coadjuvasse «sendo para bom fim», acrescentava cheio de seriedade, semicerrando os olhos langorosos e velhacazes.

Jamais soubera quem foram seus progenitores: era Ricardinho, o engeitado.

Melífluo, conversador bem falante, diziam-no filho d'um senhor fidalgo e d'uma jovem, que, após este desastre, entrara no convento das freiras Bernardas de Tavira a expurgar seu desvair. Pecados d'amor.

Por DAMIÃO DE VASCONCELLOS

Era ve-lo e ouvi-lo ás noites, pedindo para o Papa, peditório muito da sua predilecção, «pobre santinho, o Papa, que dormia n'uma enxerguinha no chão, por pobreza», lamuriava ele. Quando respondiam com graças pesadas a seu lamuriar, afastava-se indignado, resmungando: «hereje, pedreiro livre, que Belzebú te coma».

Em dias santos de guarda, embebedava-se em comemoração da festa do dia, e, á noite, bordo aqui, bordo alem, era ve-lo e ouvi-lo exclamar lacrimojante: rico santinho que me tocaste a alminha, todo ele era diminutivos em seu falar.

Pobre, de boas contas, um dia a morte lembrou-se d'ele e levou-o para sempre no esquite dos pobres de pedir, sopesado por quatro gatos pingados, seus colegas. Um desgosto o pungiria se lhe fosse dado ver o seu enterro: apenas dobrar o sino da Misericórdia, de que fora irmão, ele que se ufanava de ser confrade de todas as irmandades e confrarias da cidade e que todos os sinos tocariam no seu enterro! Ingrididos.

Viu-se depois que fazia falta para recados, namoros para bom fim, negocios nas casas de penhores, ornamentar os inumeros oratorios particulares e pedir para o Papa «pobre santinho que dormia n'uma enxerguinha no chão, por pobreza», como era seu falar recheado de diminutivos.

Assim foi o Ricardinho, há pouco mais de um século.

A seguir: MARIANA BARULHO

INFORMAÇÕES

Está aberto concurso documental para o provimento dos seguintes lugares vagos em escolas de ensino primário elementar:

Do sexo masculino:

Azinhãl, Castro Marim, Cachopô, Tavira; e Tavira, sede do concelho.

Do sexo feminino:

Cabanas, Tavira; Santa Catarina e Tavira.

O sr. Coronel Eduardo José dos Santos concluiu o curso para brigadeiro, com elevada classificação.

Olhão pediu ao Governo a criação duma escola de ensino técnico—e Portimão a transformação do liceu municipal, que ali funciona, em liceu nacional.

No dia 1 de Agosto inicia-se a II Regata Oceanica Lisboa-Faro.

Realiza-se na próxima sexta-feira, nesta cidade, a tradicional feira da Boa Morte.

Já se encontra no nosso porto a draga destinada ao desassoreamento da barra, justa aspiração do povo de Tavira, que o sr. Ministro das Obras Públicas resolveu com o critério que lhe é peculiar.

—Estão a caminho de Lisboa 7.000 toneladas de açúcar brasileiro.

souberam defender aquele pedaço de terra, situado entre as ilhas de Wetter e Rotti, e banhado pelos mares de Banda e de Timor.

Cerca de 23 horas, terminou a conferência, indo em seguida reunir todos os elementos de que dispunha para a «Taverne Valaisanne», afim de não me passar uma só particularidade de tudo quanto ouvira dizer ao ilustre capitão da Armada francesa.

Luís Bonifácio

...de Lisboa

CRÓNICA DA CAPITAL

Por C. TRINDADE

Grande Cortejo Histórico

Passados são já muitos dias da exhibição deste grande acontecimento artístico das comemorações do 3.º Centenário da Cidade, e ainda em nossas retinas desfilam a riqueza da Corte de D. Manuel, á imponência dos andores do ouro e da prata e a graciosidade das quatro rainhas no seu carro de cristal, isto só para falar de três das mais curiosas e apreciadas composições do Grande Cortejo, e em nossos timpanos se ouvem as palmas e os aplausos delirantes do povo que nunca vira espectáculo tão magnifico.

Não se julgue que estas linhas que escrevemos vão servir de introito a uma descrição do que foi o Cortejo. Não. Já o fizeram os jornais de grande expansão e tiragem em reportagens mais ou menos minuciosas. O que nós queremos simplesmente e deste cantinho pouco conhecido mas ao qual preside sempre a idéa de bem servir o Algarve e a Nação, aplaudir com todo o entusiasmo a pretensão apresentada, através do «Correio do Sul», pelo nosso amigo e grande Mestre que foi, Dr. Fernandes Lopes: uma volta do Cortejo por Portugal continental, exibindo-se nas capitais de Distrito.

Centro Cultural Português

Comemorando a passagem do 3.º aniversário da fundação desta simpática e util agremiação que tem por objectivo aumentar a cultura geral e especial dos seus associados e já muito tem conseguido, realizou-se na sua sede uma Tarde Cultural, a que presidiu o Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, e composta de três partes: sessão solene, recital de poesia, música e canto e um acto de variedades. Na sessão solene falaram além do Dr. Sá Nogueira, os srs. Norberto Peres, Leitão de Figueiredo e Simões Leote, tendo todos feito referências ao já realizado em tão pouco tempo pelo centro e ao que se há-de realizar. No recital de poesia, música e canto, tomaram parte o poeta Vasco de Almeida Machado, as pianistas D. Albertina Sagner e D. Beatriz Figueiredo Barros, a cantora D. Rachilde Régo e o Dr. Xavier Fernandes. O acto de variedades foi preenchido com interpretações dos artistas da Rádio, Hermenegildo de Figueiredo, Maria do Rosário, Luizete Moinhos, Maria Helena Vieira e o quarteto vocal Amaya.

Quem matou o Rei D. Carlos!

É este o titulo do último trabalho do distinto jornalista Félix Correia. É uma obra interessante dedicada á memória de D. Carlos e D. Luis Filipe na qual nos revela a acção de José Nunes—um dos cinco regicidas.

Foi Alfredo Luis Costa quem matou D. Carlos, á pistola, e pela traseira da carruagem; foi o príncipe D. Luis Filipe quem matou o Costa com um revolver Smith; foi José quem, saltando para o estribo esquerdo da carruagem matou á pistola o príncipe; foi José Buica quem, com um tiro de carabina, feriu o Infante D. Manuel num braço.

O titulo do livro «Quem matou o rei D. Carlos» não corresponde á revolução alguma, pois se sabia que foi Alfredo Costa. A nova versão de Félix Correia á troca de papeis de Buica e de José Nunes. É este o trabalho do autor desta obra, que nada tem de especulativa, antes se mostra serena, deductiva, interessante mesmo quando repete factos conhecidos. Trata-se de um trabalho a que se poderá chamar um «subsídio para a história do drama». Três regicidas e não dois—é a correção.

A edição é da «Portugalia Editoras», o que tanto importa dizer que é cuidada.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

mércio e emprego das Nações Unidas.

—Os portugueses do Brasil passaram a ter todos os direitos dos naturais daquele país, sem renúncia expressa á sua nacionalidade.

D. Bernardo da Costa (MESQUITELLA)

Pelo noticiário dos jornais, soubermos do falecimento do Vice-Almirante D. Bernardo António da Costa de Sousa Macedo (Mesquitella), com 83 anos.

Ainda há pouco aludimos neste jornal á este ilustre marinheiro (por sinal que o demos como já falecido) num artigo intitulado «Cherém», a propósito da autorisação da venda de farinha de milho no Algarve.

D. Bernardo Mesquitella prestou serviço no Algarve, onde era muito estimado.

O Algarve deve-lhe essa linda poesia «A Estrela da Manhã», que ele dedicou segundo escreveu:

«Aos meus Irmãos do Mar»
«A Classe Marítima do Algarve»
«Aos simples heróis de tanto drama ignorado».

A poesia é verdadeiramente encantadora.

Começa assim:

A barca era tão linda!...
De vela desaladada
Parecia uma gaivota voando docemente.
Ao res de água, serena, mansa descuidada!...

Tinha por arrais o velho José Clemente.

—A 4.ª quadra:

A barca era tão linda!... Ao vé-la
dava gosto...
Chamava-se (que belol) a Estrela da
Manhã.
Que lindo era este nome, que nome
tão bem posto!...
Era toda branquinha, mas forte, rija,
sã!...

Seguem-se algumas oitavas, que terminam:

Sua festa e romaria,
Se era boa a temporada,
Muito farta a caldeirada,
Paga certa e bom patrão,
E tinham nas horas más,
para escaparem da morte:
A Senhora da Boa-Sorte,
O Senhor dos Passos de Olhão.

O autor descreve um temporal, em que há passagens admiráveis:

O mastro cai, levando envolto no aparelho
O pequeno Zézinho!...
«Cheiol!» diz para o velho
O Pai atribulado...

—«Agarra-te, rapaz!»

—«Segura firme, aguanta!»... Ceus, lá
fica para traz.

—«Segura-te, Zézinho, aguanta mais um
pouco!»

E então cheio de pavor, num arranco
de louco,
Dando um salto p'ro mar, mergulha no
momento

Em que o filho, a chorar, já quase sem
alento,
Deitado sobre o mastro, aos tombos, lá
e vinha,

Soluçando, a tremor, —«Mãe... Rica
Mãesinha!...»

(Pausa)

A barca aliviada arriba de repente!...

Mete um mar, vacilla...

E o velho José Clemente,

Sem mastro, sem velame, sem luz e já
sem leme,
Impávido, sereno, alma que nada teme,
Vendo em torno de si a Morte ir
espreitando,

Sentindo aproximar-se o fim e tirando,
Tira dentro do peito os batinhos e o
colar

Faz o sinal da Cruz... beijou-os devagar

E murmurou:

«Ainda bem, Senhor dos Passos!»

«Eles lá têm na terra quem lhes abra os
braços

«Mulher, Mãe, Família, pequenos ir-
mãozinhos»

«E eu sou viuvo e só!...»

E beijava os batinhos!

E' justo que o Algarve não esqueça no triste momento da morte de tão insigne filho de Portugal aquê que tão sentidamente lhe deu o seu coração de marinheiro.

Armando de Campos Palermo

Instituto Lusitano

Colégio para educação de meninos e meninas em sedes separadas

LISBOA—BENFICA Telefone 58.074

Aconselhamos a preferência a esta casa de educação, onde se ministra, com toda a honestidade e escrupulo profissional, em regime de internato no Campo, com carro e comboio á porta, a instrução primária, o curso completo dos liceus, a admissão ás Faculdades, o curso comercial em 4 anos, com sanção official e, para as Meninas, mais os que caracterizam a sua educação, como sejam: Llavores; Arte Aplicada, Curso de Conservatório, etc. Peçam o prospecto sem condições de admissão.

Faro, Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 18 de Julho de 1947.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Júnior

Ambiente Musical Tavirense

Em assuntos de música, há nesta Veneza Algarvia sempre motivos interessantes para deles se falar.

De longínquos tempos apparece-nos a tendência do tavisense para cultivação da divina arte; e, assim, de geração em geração, ela tem vindo aos baldões, de modo que, hoje, a sua Banda, abrigada numa modesta casa, que tem por noma «O Ensaio da Música», difficilmente vive, amparada á muleta camarária.

Oswaldo, rapazinho espigado, esperto, denotando—á pesar da sua pouca idade—alta visão psicológica, leva-nos na sua missão cicerônica, numa noite de ensaio, á referida casa, onde se abrigam os elementos de antanho e os que, por elos de continuidade, são o fruto da geração presente.

O aspecto é de um completo abandono material. De modo que os componentes, que ainda fazem vibrar a sensibilidade da Arte, para ali estão abandonados á sua própria acção com as estantes velhas a dizerem já do seu cansaço, num ambiente pouco acolhedor. Dê-se vida nova á quem de vida pura e rejuvenescida carece, á bem de uma cidade, que se ufana de ter gloriosas tradições musicais!

Conhecem-se sacrificios de puro bairrismo e amor á Aste, que há vinte anos se levaram de vendida.

Registam-se, nas cenas musicais tavisenses, pormenores dignos de elogio, por representarem cultura e civilização. Mas o que não está certo é a falta de ambiente associativo, o fulcro musical de Tavira.

Há que promover um meio associativo musical; há que arranjar uns individuos carolas; há que ligar a vontade camarária ao caminho do povo, para as duas modalidades darem o conforto a uma Sociedade digna desse nome, onde a música, de facto, se sinta bem e ao nível da tradição e do desenvolvimento evolutivo da época em que vivemos.

E, só assim, depois, os dominigueiros concertos, no belo coreto do jardim, melhor poderão traduzir da muita boa vontade que Tavira tem em possuir a sua reliquia musical—A Banda de Música.

Oswaldo acompanha-me, apercebe-se da minha mágoa pelo abandono apontado, e como bom algarvio, fala, fala, diz e responde, e, revelando inteligente filosofia, lança no vazio uma infinita série de frases. Quem sabe? Talvez este rapazito um dia seja um valor aproveitável e um modelo no bairrismo tavisense.

Pedro de Freitas

EDITAL

João Simões Quintas Júnior, Engenheiro Chefe da 5.ª Circunscrição Industrial,

Faço saber que José Marcelino de Sousa Pires requereu licença para exploração duma oficina de ferrador, situada no Alto do Cano, freguesia de S. Tiago, concelho de Tavira, distrito de Faro, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, cheiro e fumos, que confronta ao Norte com a Estrada Nacional, ao Sul e Poente com terras de Mateus Mendonça e ao Nascente com o Caminho.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição, com sede no Largo do Terreiro do Bispo (Edifício da Mutuidade Popular).

Faro, Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, em 18 de Julho de 1947.

O Engenheiro Chefe

João Simões Quintas Júnior

Lição do Cortejo

Esse maravilhoso espectáculo que Lisboa presenciou, já agora inolvidável, soberba teoria de imagens animadas e de forte colorido que a retina do povo gravou, asombrado—guarda, para nós, todos, um significado espiritual que não deve deixar de proclamar-se.

Com efeito, o Cortejo Histórico—o mais elevado expoente e verdadeira coroação do programa das Festas Centenárias de Lisboa—pode e deve definir-se como representação plástica, de rara beleza, de toda a nossa vida de Nação, em oito séculos largos de luta, de conquista e de afirmação perante o Mundo.

Lisboa reviveu em três horas calorosas de pura emoção estesia—como numa espantosa cavalcada de imagens que retratavam, cada uma no seu simbolismo, a sucessão inexorável e ritmada dos séculos, dos dias grandes e gloriosos a História da sua cidade, ou seja da família lusitana.

A planificação do Cortejo—chamemos-lhe assim—obedeceu a um pensamento geratriz em que se demonstrava, no inteiro respeito pela verdade histórica e pelas constantes definidoras da grei, a trama ininterrupta da nossa afirmação original de nacionalidade, conglorando todos os valores, todos os elementos que a informaram e a fizeram maior.

Passaram, numa grave e sumptuosa teoria de figuras, envolvidas num halo magnífico de beleza e de grandeza, os nossos reis que traçaram Portugal, a ponta de espada e a golpes de heroísmo: Afonso Henriques, Afonso III, D. Diniz, D. Fernando, o rei que bem amou e serviu Lisboa, D. João I, representando a geração de Aviz e que uma soberba reconstituição do tríplice de Nuno Gonçalves glorificava; Afonso V e as glórias de África; D. João II e a força das instituições que consolidaram a Pátria; D. Manuel—o Venturoso—que assiste e administra todo um Império que um século de esforço garantira. E, depois, segue o cortejo numa eloquente e magnífica reconstituição, ao vivo, dir-se-ia, dos atributos que definiam a extensão do poder dos reis do século de ouro: «De Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, Senhor da Guiné e da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia».

E desfilam, as imagens de cor e de sumptuosidade que acordam a nossa grandeza e o espanto maravilhado ao Mundo, doutro mundo que revelámos.

Casas da Índia e da suplicação representam a organização administrativa e fiscal do nosso Império dirigido da «Cabeça do Reino Lusitano». É um monumental e espantoso S. Jorge que simboliza, como santo votivo, a força indomável e construtora do nosso soldado de sempre.

Depois, seguem numa extensa representação, as duas grandes classes que fizeram nascer Portugal: o clero, o alto e o baixo, em toda a sua magnificência espiritual e temporal; a cruz do missionário que cumpria o lema «fazer cristandade».

Depois, vem como numa onda alterosa e garrida, o povo, o povo dos ofícios, dos mestrelas diversos, dos atafoneiros, dos lavradores da terra, dos cirurgiões, dos pescadores, dos ourives do ouro e da prata que transportam monumental charola de rico bordado manuelino—um nunca acabar de pedes que documentam, até à saciedade, o braço leal e estorçado do terceiro estado—o povo português.

E lá vem a «Casa dos 24» admirável instituição administrativa—expressão duma original organização de trabalho que se não perdeu. A caridade portuguesa reanimou-se sob a sombra tutelar da Rainha D. Leonor, a fundadora das Misericórdias.

Um esplendor nunca visto, uma riqueza de cores que envolve as vestias, de mil tons, de mil formas, dos milhares de pedes e cavaleiros que encarnam o cortejo magnífico. É o cortejo fecha-se, num grito da cor, uma cor suavizada pela graça feminina da Lisboa que, por si

Inscrições tumulares de Tavira

Li com muito interesse o artigo curioso do sr. José Fernandes Mascarenhas, «Subsídios para a História do Algarve», como, de resto, me interessa tudo quanto diga respeito á história do Algarve e em especial de Tavira.

Não tenho a honra de conhecer pessoalmente aquele ilustre escritor, e, por isso, peço-me releve a ousadia de a ele me dirigir por intermédio do «Povo Algarvio», para chamar a sua esclarecida atenção para o seguinte:

Se o ilustre e erudito escritor lhe interessa estudar as lápides de Tavira, tomo a liberdade de lhe aconselhar, entre outras, as inscrições tumulares das igrejas de Sant'Ana, no exterior do altar, de S. Braz, e de S. José.

No meu folhetim «Ecos do Passado de Tavira», II serie, numero 16, publicado em 1942, disse:

«Tencionava estudar a epigrafia tumular de Tavira, como complemento a estes trabalhos; mas a mudança da minha residência para a Capital, não me deixou levar ávante tal intento».

A falta de tempo e a oportunidade, não me deixaram velas, quanto mais estuda-las; por isso, agora chamo a atenção esclarecida daquele escritor para aquelas inscrições tumulares, que a serem estudadas pelo sr. Mascarenhas, devem dar resultados muito curiosos, estudos, aliás, feitos com a competência e brilho, que em mim faltam.

Por mim, revele-se-me a impertinencia, tenho quase prontos uns pequenos apontamentos para a História do Algarve, a publicar no «Povo Algarvio»; trabalhos sem importancia, mas que talvez sirvam aos estudiosos da história do Algarve.

Damião de Vasconcellos

VILEGIATURA E TURISMO

Entrados no verão, cada um consoante seus teres e haveres, repara do sótão as malas e redes de viagem, marca lugar no caminho de ferro, e lá vai com a família para uma cura de termas ou iodar a pele nas praias encharcadas de sol.

Ourota, o veraneante passava verdadeiros tratos de polé, porque os hotéis e pensões assemelhavam-se mais a pousadas dos princípios do século findo do que a sala de visitas. Sim! A sala de visitas! Os hotéis e pensões são as salas de cumprimentos das termas e praias.

Presentemente, não. Embora haja muito que fazer, muito que melhorar, muito que conseguir, o certo é que o veraneante encontra hoje hotéis e pensões dignas deste nome—mercê da nitida compreensão dos deveres de gerência em permanente contacto com as comissões regionais de Turismo.

As suas serras alcantiladas, as suas montanhas em gume, os seus prados verde-esmeralda, as suas planícies morrendo na distância, as suas florestas seculares, os seus bosques de sombra amena, os seus rios de águas mansas e margens bucólicas, as suas praias solares de ondas pra bravas ora de arrebatção bonançosa, são predicados que ofnam e emolduram a nossa terra. Desta sorte, impõe-se, e num crescente sem quebras, que o regime hoteleiro e derivados acompanhem vitoriosamente o que se faz no estrangeiro, em política de turismo.

própria, anima em grande parte, toda a vastíssima figuração: num carro todo feito em cristal, ergue-se, hierática, numa visão feérica de branco e de graça a imagem viva duma mulher, que no esplendor das suas formas harmoniosas e reais, e num suave simbolismo, se nos aponta como Lisboa Eterna, Lisboa, capital dum Império, berço de grandezas e de civilizações e dum verbo, também eterno, para sua maior glória.

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—D. Gertrudes Fernandes Pires Peres.

Em 28—D. Alice do Nascimento Peres e sr. Virgílio Correia Monteiro.

Em 29—D. Clementina de Sousa e sr. José Leandro.

Em 30—D. Maria Angela da Conceição, Mle. Donatília Cavaco da Silva, sr. Rui Jorge Amorim Ribeiro e menino Manuel Alberto Arnedo Mota.

Em 31—Mle. Francisca da Conceição Neves e srs. João Leiria e Fernando Guerreiro de Sousa.

Em 1 de Agosto—Menina Zélia da Silva Pacheco de Sousa e sr. Esmeraldino Manuel Peres.

Em 2—D. Maria Julieta Mendes Cipriano Peres, D. Maria da Paixão Costa e D. Maria dos Anjos Domingos.

Partidas e Chegadas

—Acompanhado de seus netos, chegou a esta cidade a esposa do sr. Dr. António Francisco de Sousa, residente em Lisboa, e sogra do sr. Dr. Manuel Lourenço Coelho, medico municipal. —Encontra-se nesta cidade o sr. Capitão Henrique Galvão, residente em Lisboa.

—Acompanhado de sua esposa e filhos foi a Lisboa o sr. Manuel Virgínio Pires, proprietario e editor do «Povo Algarvio».

—Com sua família, está passando a época balnear na praia da Manta Rôta o sr. Sousa Rosa, conceituado comerciante da nossa praça.

Registo de Nascimento

No dia 20 do corrente, realizou-se na Conservatória do Registo Civil, desta cidade, o registo de nascimento de um filho do sr. Januário Pereira Marques, proprietario, e de sua esposa D. Adosinda Gil Romano Marques.

O recém-nascido recebeu o nome de José Diogo Gil Marques.

Doente

Tem tido sucesivas melhoras o nosso prezado amigo sr. Dr. Ofélio Máximo de Oliveira Bomba, medico-veterinario municipal.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Rolandino Palmeira

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Baptista e Ramos, três valores do ciclismo e nos quais reina a maior camaradagem.

—Achou difficil ter alcançado o quarto lugar na classificação final?

—De facto, foi difficil; mas, acompanhado por um bocadinho de sorte, poderia, sem dúvida, obter um lugar mais honroso.

—Ficou satisfeito do seu clube ter ganho por equipas?

—Isso não tem perguntal Eu e os meus companheiros sentimos bem o orgulho das cêres que envergamos.

—Diga-nos, Rolandino, quais são os corredores da sua categoria que mais aprecia?

—Primeiramente, admiro os do meu clube, em especial o meu irmão, cujo valor deve ser indiscutível, e também não deixo de admirar Serafim Paulo, Maximiano Rôla, do Lisgás, João Lúcio, do Sporting, e Francisco do Sério, do Louletano.

Para terminar, fizemos a seguinte pergunta:

—Conta alinhár este ano na Volta a Portugal?

—Creio que será possível, desde que os meus companheiros alinhem.

Eis o que nos disse o jovem ciclista do Ginásio Club de Tavira, contando apenas 17 anos, em quem todos os desportistas algarvios põem as maiores esperanças, pois assim o demonstrou na 2.ª Volta ao Algarve.

F. Lourenço

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Aldomiro de Sousa.

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

F A R O

TROVA

Se por mim tu choras muito,
Choras por muitos também...
Não quero água dos teus olhos,
Pois não sei donde ela vem!...

ISIDORO PIRES

O Comércio dos Figos

Avizinha-se a campanha da recolha do figo, que representa um importante ramo da produção que muito pesa na economia da provincia e influi de modo notável no volume da nossa exportação de frutos.

A produção da campanha precedente foi calculada em 13 mil toneladas, que, por despacho Ministerial de 24 de Agosto de 1946, assim se distribuiu:

1) Reserva de figo pela lavoura algarvia para consumo	1.400 ton.
2) Reserva de figo pela lavoura algarvia para destilar	1.500 »
3) Figo para as indústrias de destilação do Algarve	1.000 »
4) Figo para as indústrias de alcool	1.500 »
5) Figo para consumo no país	5.000 »
Figo para consumo nas colónias	100 »
6) Figo para exportação	2.500 »
	18.000

O contingente de 2.500 toneladas destinado aos mercados externos seria distribuido pelos exportadores inscritos na secção do mercado externo do Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas do Algarve. Para consumo do mercado interno, os exportadores entregariam duas vezes as quantidades que lhe coubessem para os mercados externos, não podendo autorizar-se qualquer exportação para estes mercados, sem que tivesse sido enviada a partida correspondente para o mercado interno, salvo quando, por motivo devidamente justificado, não tivesse sido possível satisfazer esta condição.

Paralelamente, estabeleceu-se uma tabela para o mercado interno, fixando preços para os figos secos, por grosso e a retalho.

Para o figo industrial, com destino á indústria do alcool, foi estabelecido preço em função do fixado para o figo de Torres Novas.

O Grémio dos Exportadores de Frutas e Produtos Hortícolas do Algarve, no seu relatório referente ao ano findo, acusa o movimento de exportação de 87.488.174\$30, contra 88.327.838\$50 do ano anterior. Como mercados importadores de miolo de amendoa, figura em primeiro lugar a Bélgica, com 1.376.587 quilos, seguida da Suécia com 385.807 quilos, e da América do Norte, com 238.848. Fai ainda a Bélgica o mercado maior importador de amendoa em casca, com 589.654 quilos, seguida da Suécia com 102.658 quilos, e do Brasil com 77.190 quilos. Para os figos também a Bélgica figura á cabeça, 606.282 quilos; em segundo lugar vem o Brasil com 526.336 quilos e em terceiro lugar a Suíça com 20.200 quilos.

Em pasta de figo há a assinalar uma exportação de 42.876 quilos para a Irlanda.

Não nos diz o Beletim o montante total da exportação de figo, nem se especifica o respectivo valor em escudos.

Dos termos da regulamentação, expressa no aludido despacho, se verifica que se deixou o preço-base da mercadoria ao capricho dos intermediários ou, se quizerem, ás flutuações da oferta e da procura, dentro das condições transcritas em parte.

Consta que o comércio dos figos, na presente temporada, será livre, o que não se harmoniza com os propósitos insistentemente enunciados pelo Governo de promover a baixa dos produtos destinados á alimentação pública e com a necessidade de fornecer matéria prima para as indústrias do alcool.

Não obstante o condicionamento na época transacta, o comércio de figos foi comandado pelos exportadores. Seria interessante conhecer a parte do inquérito aos respectivos organismos corpora-

Compra do Terreno do Arraial da Armação «Medo das Cascas»

Por força do Decreto-Lei n.º 36.204, de 2 de Abril do corrente ano, foi a Companhia de Pescarias do Algarve autorizada a adquirir ao Estado a parcela de terreno, onde tem construido o arraial da sua armação, situada no Sapal do Rato, em Tavira, e que trazia de arrendamento, terreno que foi desafectado do Domínio Público Marítimo, passando para o Património do Estado.

A respectiva cessão, a titulo definitivo, teve lugar no dia 19 de Julho corrente, na Secção de Finanças desta cidade, outorgando o sr. Chefe da Secção pela Fazenda Publica, o Sr. Engenheiro Brandão Calhau, pela Direcção Geral dos Serviços Hidraulicos, a cuja jurisdicção o referido terreno estava afecto, e por parte da Companhia adquirente os seus administradores, srs. João da Silva Neto e Dr. António Miguel Galvão.

O preço da aquisição foi de Esc. 37.500\$00.

Propriedades

Vendem-se ou arrendam-se por 10 anos, entrando a novidade de azeitona existente, na freguesia de Moncarapacho, concelho de Olhão.

Uma de sêqueiro e regadio, com diverso arvoredado, duas moradas para caseiros, no sitio do Gião.

Outra só de sequeiro, com figueiras, alfarrobeiras, amendoeiras, oliveiras e vinha, denominada «Mata Pulga» a 200 metros da aldeia.

Uma casa na aldeia, com 5 compartimentos e quintal, na Rua da Carreira.

Também se arrenda por 3 anos a propriedade denominada «Arouca», que fica junto á estrada que vai da Alfandanga a Moncarapacho.

Aceitam-se propostas para compra, arrendamento ou uma possível troca por propriedade maior ou de mais valor mas situada fora do concelho de Olhão.

Tratar com António José da Silva em Tavira ou em Cacela, em casa do sr. Elvino de Abreu Silva.

Propriedades Arrendam-se

Próximo de Tavira: Patarinho, Val d'El-Rei, Covas de Gesso de Cima e Covas de Gesso de Baixo.

Em Cacela: Bornacha e Azeda. Em Santa Catarina: três fazendas e seis courelas.

Na Luz de Tavira: a Quinta do Mirante (em três partes).

Trata-se em todos os dias uteis na referida quinta e aos domingos em Tavira na Rua Roque Féria, 81-1.º, até ao fim de Agosto.

Mande circular os vossos impressos na TIPOGRAFIA SOCORRO VILA REAL de Santo Antonio—Telet: 58

tivos, no que dizia respeito ao seu funcionamento. Mas foi mantido em segredo e as suas conclusões não vieram a público.

Os interesses dos produtores e da economia da provincia parecem um pouco abandonados. Os Grémios da Lavoura, entidades a quem tais interesses e respectiva defesa incumbem, têm descurado estes aspectos da economia que lhe estão naturalmente confiados e que se encontram sem protecção adequada, seja qual for o aspecto sob que se considerem.

L. A.

Casas

Vendem-se, duas moradas em Tavira, na Rua Almirante Reis. A primeira compõe-se de rez do chão e 1.º andar, com os n.ºs 137 e 139 e a segunda é térrea com o n.º 141.

Quem pretender dirija-se a Salvador dos Santos Rêgo, Rua Infante D. Henrique, n.º 92. 1.º—Faro.

Barco com Motor

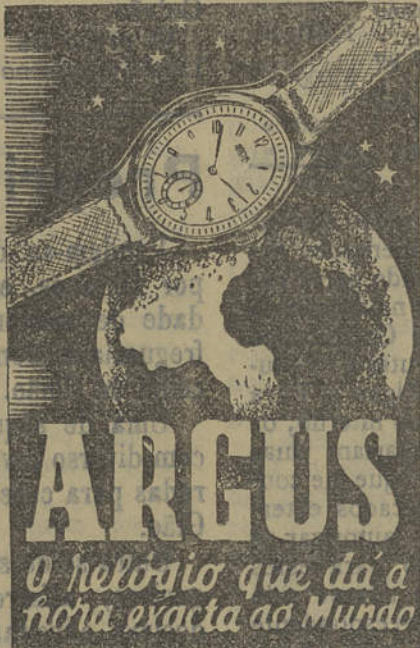
A óleo pesado, com licença de enviada e com todos os pertences para a pesca da pescada, incluindo dois botes. Vende-se. Nesta Redacção se informa.

O «Povo Algarvio» vende-se, em Tavira, na Tabacaria Santos.

Relojoaria e Ourivesaria "GONÇALVES" (MERCADO MUNICIPAL) TAVIRA

Completo sortido dos mais modernos Relógios para homens e senhoras.

Modernos e acreditados Relógios de bolso



Relógios de parede, Garrilhões, etc.

Objectos de Ouro e Prata, Joias e lindos artigos para brindes, encontram V. Ex.ªs, neste estabelecimento.

VENDA A PRESTAÇÕES

- DE -

RELOGIOS E JOIAS

- NA -

Ourivesaria J. V. Mansinho

J. A. Pacheco TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

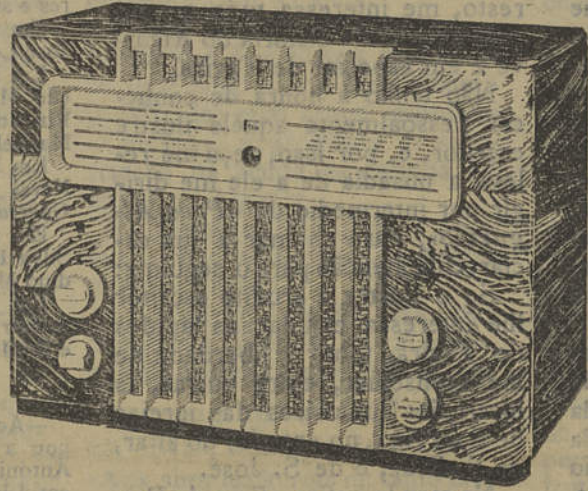
J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13 APARTADO 13

"HIS MASTER'S VOICE"

O receptor
maravilhoso



A última palavra da
T. S. F. de 1947

Não compre sem primeiramente pedir uma demonstração

Vendas a pronto e a prestações sem aumento de preços

Agência F. P. R.

Rua Dr. Parreira, 13 - TAVIRA

FRANCISCA GUIDA FURTADO

PARTEIRA - ENFERMEIRA
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Lisboa

PARTOS
A PREÇOS MODICOS
chamadas a qualquer hora

Dá INJECCÕES
fora e em sua casa

Rua S. João de Brito, n.º 64
Villa Real de Santo António

PROPRIEDADES ARRENDAM-SE

De regadio e sequeiro, nos sítios do Val Carangejo, do Gorgulho, freguesia da Conceição e a Quinta do Porfírio, no sítio do Valongo.

Quem pretender dirija-se a Henrique Gil Romano—Tavira.

VENDEM-SE

Um engenho de furar 7-Bis, usado, mas em bom estado e uma tarracha com rosca de 5/16 até 3/4.

Tratar com Manuel Matos, na oficina de Marcelino Galhardo—Tavira.

Propriedade

Arrenda-se no sítio do Pêro Gil.

Quem pretender dirija-se a João do Nascimento Rocha—Tavira.

CEIRAS e CAPACHOS

para Lagares de Azeite

Vende o fabricante

José Mateus Esparteiro

B. Baixa — Alferrarede

TELEFONE 212

Então o senhor que tanto preza a sua saúde e a dos seus, ainda não comprou uma

BOMBA AZUL?

A sua inigualável eficácia impõe o seu uso no combate aos insectos inimigos do homem.

UTILITÁRIA

Rua 5 de Outubro, 11 e 13

TAVIRA

A MECAMOTO TAVIRENSE

Rua Nova da Avenida, 15 — TAVIRA

VENDE:

Motores,
Bombas

e acessórios
para todas
as industrias

ORÇAMENTOS GRÁTIS

MOTORES DIESEL
ARMSTRONG-SYDDELEY
DEUTZ e CONVENTRY

A Petróleo
INTERNATIONAL
de 2 1/2 e 5 HP

EM EXPOSIÇÃO

Motores Armstrong-Syddeley de 6 HP

International a petroleo de 2 1/2 HP

Não comprem sem consultar os n/prêços